

Apresentação

As heranças são um posicionamento. Este pensamento hipercitado de Jacques Derrida não poderia encontrar evidência maior no “Dossiê” temático que aqui se apresenta. A ideia de pensar com (mais do que no) Eduardo Lourenço surgiu inicialmente ligada a uma efeméride (o centenário do nascimento do crítico em 2023). No entanto, a espessura crítica do objeto – um pensamento – tem vindo a coincidir, em paralelo, com uma emersão notável do eixo entre o impensado (uma das grandes diretrizes do pensamento do filósofo português) e o Brasil. Mais do que uma nova construção crítica, foi a força desse pensamento que permitiu recompor uma constelação teórica não só impensada, mas também, de algum modo, inesperada. O que superficialmente poderia parecer apenas uma página biográfica de Lourenço – seu ano como professor na UFBA em Salvador, no final da década de 1950 – revela-se, na verdade, uma força matricial. Essa força reconstrói uma perspectiva crítica que, embora focada em Portugal (o que é óbvio), desvenda – ao ser virada pelo avesso das leituras multiplicadas (ecoando nos ensaios aqui reunidos) – a centralidade do Brasil na construção da própria ideia de impensado.

Tema filosófico por excelência, o impensado, junto com a abordagem ao colonialismo tardio de Portugal em África ou ao salazarismo pluridecenal em Portugal, constitui em sua declinação crítica um poderoso instrumento de interpretação, tanto de Portugal quanto da contemporaneidade. O contato com o Brasil possibilitou ao jovem pensador em construção uma extraordinária revisão crítica das ferramentas e das técnicas críticas que lhe permitiram – um pouco como aconteceu com Lévi-Strauss, na década de 1930, em São Paulo – reestruturar o pensamento sobre Portugal e África, sobre a Europa e o colonialismo, sobre local e global. Ele o fez a partir de uma complexa dialética, por assim dizer, “pós-colonial”, mas operada nas dobras de um colonialismo vivo, que desvenda o funcionamento de dispositivos complexos e fugidios, como os do exercício da dominação colonial. A estadia no Brasil foi, assim, o momento em que Eduardo Lourenço experienciou a vivência num país que alimentava no seu dia a dia, com mais ou menos consciência, a herança colonial, transfigurando-a em elemento próprio. Nessa medida, o contato com a literatura e a intelectualidade brasileira



e sul-americana que à data, e bem antes das teorias pós-coloniais de feição mais europeia ou norte-americana, fez com que interpretasse o continente e começasse a conceitualizar heranças, transformações e apropriações do que tinha sido o colonialismo. Terá sido o laboratório ideal para o jovem pensador e decisivo para desenvolver uma das suas ideias basilares – que o complexo Portugal só poderia ser pensável, inteligível e legível a partir da questão colonial e das suas transfigurações de que o Brasil era simultaneamente modelo e fronteira. A partir desta estadia no Brasil, registamos na obra de Eduardo Lourenço a presença, por vezes visível outras vezes invisível, desse Sul pensante, ator político e cultural, essencial para interpretar Portugal e o seu continente referência, a Europa.

No artigo de abertura, “As vulnerabilidades do impensado: questões de ‘forma’ do pós-colonialismo português e os legados do pensamento de Eduardo Lourenço”, Nicola Biasio atualiza o pensamento de Eduardo Lourenço, e em particular o instrumental do “impensado”, para realizar uma significativa incursão no Portugal contemporâneo. Fá-lo a partir dos legados da experiência colonial moderna em África (portuguesa, mas por extensão poder-se-ia dizer europeia, pense-se em particular no caso da França e na Argélia), que se concentram na ideia lacaniana de um inconsciente racista. A sua agência atual estaria disseminada em inúmeros aspectos da sociabilidade metropolitana, alimentada também pelo dispositivo do neolusotropicalismo, que surge da aliança perversa de um pensamento supostamente pós-colonial (Freyre) como álibi de uma experiência ainda totalmente colonialista de Portugal. A partir da leitura de autores afrodescendentes, como Djaimilia Pereira de Almeida, Biasio reconhece na vulnerabilidade um aspeto peculiar do impensado que é característico de Lourenço: a debilidade que se torna força crítica na construção do seu discurso, elegante e radical.

Numa linha simétrica, originária da experiência brasileira, Alessia di Eugenio estuda também, no que se refere ao contexto do Brasil, o interesse de Eduardo Lourenço pelo tema do racismo brasileiro. É o modo como ele entra profundamente nas relações sociais locais, desconstruindo as mitologias da democracia racial que tornaram o racismo um efetivo impensado brasileiro. A desmontagem em todas as suas partes do pensamento de Gilberto Freyre e a revelação (no sentido de duplo ocultamento) da efetiva natureza da sociedade interseccional e vertical brasileira são as consequências de uma revisão crítica inexorável por parte do professor português na *belle époque* baiana do final da década de 1950. O impensado situado no Brasil permite apreciar a produtividade de uma deslocação do conceito: da sua originária matriz colonial relacionada com Portugal, abre-se um campo de reflexão inovador quando entra em jogo a colonialidade brasileira, as permanências de uma história arqueológica colonial cujas raízes (daninhas) continuam vivas e produtivas no agora, aparentemente, pós-colonial.

Sobre o impensado colonial, Rebecca Bentes Saldanha Pereira aprofunda, no ensaio “Um apelo à razão. Eduardo Lourenço, a aporia do retornado e a questão da culpa colonial”, uma figura central na análise sobre o colonialismo de Portugal em África: a do “retornado”. Refere-se a um texto precoce e denso do filósofo, publicado em primeira instância em jornal, depois no volume *O fascismo nunca existiu*, antes de entrar no livro de 2014 de escritos sobre o colonialismo. Trata-se de uma leitura agudíssima da situação crítica no rescaldo das aceleradas descolonizações de 1975. Curiosamente, é um texto seminal para muitos conceitos do pensamento de Lourenço em construção, contemplando as ruínas coloniais e um Portugal que desiste de uma perspectiva atlântica. Bentes Saldanha Pereira desenvolve uma análise original sobre o que rodeia o sentido da culpa, que, por um lado, remete para a reflexão do

trágico e, por outro, relaciona-se com a ideia de uma inocência reveladora da estrutura profunda de um inconsciente colonial.

O quarto ensaio, de autoria de Gabriel Victor Rocha Pinezi, efetua um interessante recorte na elaboração do trágico na obra de Eduardo Lourenço. Ele problematiza-o para, então, propor semelhanças com o conceito de Real lacaniano. O fechamento da sua argumentação é um retorno a Aristóteles e um convite a um desvio: recuperar a noção de tragédia na *Poética* para defender, então, que “se a literatura brasileira pode ser entendida como ‘rasura do trágico’, é apenas no sentido de que nossos modos de representar a catástrofe resistem ao registro sublime e a uma estética que valoriza o silêncio traumático”.

Importa recuperar que, para Eduardo Lourenço, a “rasura do trágico” na literatura brasileira não é somente uma escolha estética, mas sim uma estratégia inconsciente que tenta driblar, ou contornar, uma visão trágica da existência, investindo numa pulsão positiva, expressa, por exemplo, através do mito do “País do Futuro” e do ufanismo modernista. Aqui, a violência e a desigualdade não levam ao pessimismo trágico, mas são superadas na literatura por meio de um otimismo ou de uma redenção mística (como em Guimarães Rosa e Clarice Lispector).

Curioso observar que, em Portugal, o mecanismo se manifesta de forma diversa: na projeção de mitos de salvação e de grandeza (o Sebastianismo, o espírito épico camoniano, o mito do V Império), que acabam encobrendo a derrocada histórica. A saudade (a melancolia feliz, como define Lourenço), a nostalgia, tornam-se o labirinto dessa autoimagem irreal.

Assim, a diferença entre Brasil e Portugal seria da ordem da forma, e não da estrutura: o Brasil utiliza a euforia e a esperança de redenção para rasurar o trágico, enquanto Portugal utiliza a nostalgia e o messianismo utópico. Em ambos os casos, o resultado guarda similaridades: versões mitificadoras e consoladoras da identidade nacional, que lhes permitem sempre a inibição de responsabilidades históricas.

Já o último ensaio deste “Dossiê”, intitulado “O estrangeiro absoluto”, Raúl Antelo parte do conhecido verso de Fernando Pessoa “sê plural como o universo” – que ele interpreta como a consciência infeliz da Modernidade – para, então, explorar a busca pela sutura dessa falha através da mitificação do eu como ficção e da infância imortal. Essa perspectiva, assentada na leitura de Eduardo Lourenço, que entende o eu como cultura, dialoga com o pensamento latino-americano, como o de Macedonio Fernández e Virasoro. Estes propõem o “eu” como um contínuo *hacerse* (fazer-se) em relação e negação do ser substancial, culminando no conceito de *pathos*.

Em busca de um paradigma transculturador, Lourenço utiliza pensadores como Alfred Métraux, que via na violência ameríndia uma transposição do ritual de sacrifício, e se distancia da disjuntiva civilização/barbárie de Sarmiento. A analogia do eu cindido e plural é o que unifica Pessoa e Lourenço, vendo na realidade uma constelação construída, e não um dado. Dessa forma, para Antelo, o pensador português almeja um antídoto para construções formais nas margens, como o complexo Brasil, que, apesar do seu desequilíbrio glorioso, é a esfera de expansão da língua portuguesa.

Entrevista

A força de inovação desta mescla inusitada emerge de modo evidente com as “Cartografias do impensado”. O que impressiona na interseção de visões que decorrem de contextos tão diferenciados (África, Europa, Brasil) é a consciência de uma densidade crítica fundamental – em

variados campos: literatura, teoria crítica, filosofia, pensamento contemporâneo etc.– que vem da leitura hoje das obras de Eduardo Lourenço e, na definição da ideia de “heterodoxia”, elaborada na década de 1940 do século passado em um contexto de Portugal e da Europa bastante perturbado e sobrevivente das turbulências e ruínas do segundo conflito mundial, a possibilidade de pensar fora dos limites das dicotomias, fora das tensões dialéticas, mas ao mesmo tempo sem reducionismos ou relativismos fracos.

Concluimos esta proposta de estudos com três olhares geopoliticamente diversos, por meio de uma “entrevista” que, para a crítica argentina Leonor Arfuch, constitui uma modalidade singular da escrita de si: um meio ancorado na palavra dita, atestada pela voz, que oferece a possibilidade de construir um “retrato”. Os entrevistados são três leitores distintos – Francisco Noa (moçambicano, professor e crítico literário renomado); Guilherme de Oliveira Martins (português, autor de uma obra extensa e titular de importantes cargos públicos); e Eduardo Sterzi (brasileiro, poeta, ensaísta, crítico literário e professor) – que abordam a relevância do pensamento de Eduardo Lourenço a partir de um ponto de vista particular.

Como disse Noé Jitrik, a entrevista ocupa o lugar das memórias na sociedade contemporânea, que teme o desaparecimento e o esquecimento e, por isso, seleciona alguns nomes com o desejo de lhes dar sobrevivência. Foi o que buscamos com este número específico da *Aletria*: aproximar-nos mais um pouco, instigados pela força e potência do pensamento de Eduardo Lourenço. E convidar a população acadêmica, numa chamada aberta e irrestrita, a refletir sobre os impensados.

Os organizadores

Sabrina Sedlmayer (UFMG)

Roberto Vecchi (UNIBO)

Margarida Calafate Ribeiro (CES)

Outono, 2025